



AO MERGULHAR NO UNIVERSO DA MITOLOGIA GREGA, A COLEÇÃO **MITO E MISTÉRIO** PROMOVE UM PASSEIO LITERÁRIO, HISTÓRICO E FILOSÓFICO PROPÍCIO À DISCUSSÃO DE VALORES E REFERÊNCIAS CULTURAIS QUE ESTÃO NA BASE DA CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL.

Só o sacrifício de uma virgem poderá aplacar a ira da Ártemis, que mantém a esquadra grega presa à ilha de Áulis. A escolhida é Ifigênia, a filha mais velha do comandante Agamêmnon, rei de Micenas. Dividido entre o amor de pai e o bem comum, ele acaba enviando uma carta ao palácio chamando a jovem a Áulis sob o pretexto de casá-la. Uma vez na ilha, Ifigênia descobre o triste destino que a espera: seu sonho de núpcias desfeito em sangue.

Évelyne Brisou-Pellen nasceu na Bretanha, França, em 1947. Formada em Letras Modernas pela Universidade de Rennes, resolveu dedicar-se à criação de histórias para crianças e adolescentes, tendo já publicado mais de 20 livros. Suas histórias se passam em épocas e lugares os mais variados: do Egito Antigo ao Império Asteca, da Rússia ao Japão, da Pré-História aos dias de hoje.



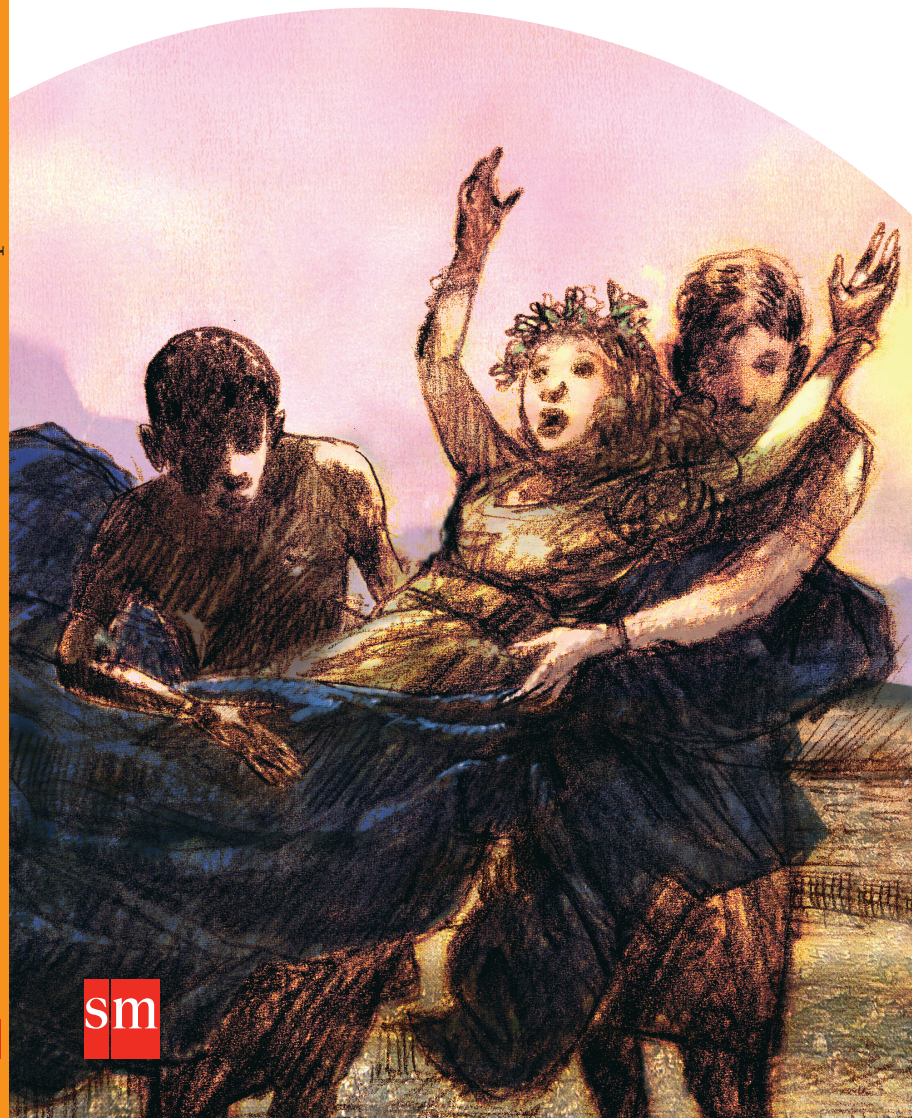
Uma armadilha para IFIGÊNIA

Évelyne Brisou-Pellen



Uma armadilha para IFIGÊNIA

Évelyne Brisou-Pellen



Uma armadilha para
IFIGÊNIA



Uma armadilha para
IFIGÊNIA

Évelyne Brisou-Pellen

Tradução Eliane Jover



Título original *Un piège pour Iphigénie*

© Éditions Nathan/ VUEF – Paris, França, 2003.

Traduzido do francês por Eliane Jover

Gerência editorial Maria Dolores Prades

Direção de arte e industrial Alysson Ribeiro

Edição Fabio Weintraub

Preparação Bruno Zeni

Apresentação e anexo Gilberto Figueiredo Martins

Revisão Gislaíne Maria da Silva e Isabela Marcatti

Assistência editorial Maísa Kawata

Capa e projeto gráfico Signorini

Ilustrações Odilon Moraes

Produção Industrial Toninho Freire

Impressão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Brisou-Pellen, Évelyne

Uma armadilha para Ifigênia / Évelyne Brisou-Pellen ;
tradução Eliane Jover. – São Paulo : Edições SM, 2006. – (Mito
e Mistério)

Título original: *Un piège pour Iphigénie*

ISBN 978-85-7675-149-6

1. Ficção - Literatura infantojuvenil I. Título. II. Série.

06-4065

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5

2. Literatura juvenil 028.5

1ª edição, 2006

3ª impressão com reforma ortográfica, 2010

Todos os direitos reservados a

EDIÇÕES SM

Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55

Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil

Tel. (11) 2111-7400

edicoessm@grupo-sm.com

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO ENQUANTO O VENTO NÃO SOPRA 7

1. UMA CARTA URGENTE 9
2. UMA NOVIDADE ESPANTOSA 13
3. O PREÇO DA BELEZA 18
4. ADEUS, MICENAS 25
5. MILHARES DE VELAS E UM GUERREIRO LOIRO 29
6. EMOÇÕES DEMAIS 33
7. UM COMPORTAMENTO ESTRANHO 38
8. O HOMEM COM ASAS NOS PÉS 45
9. DESCOBERTA TERRÍVEL 52
10. O DIA EM QUE MINHA INFÂNCIA ACABOU 59
11. FUGIR OU MORRER 66
12. O ALTAR DE ÁRTEMIS 75

- ### AO REDOR DO MITO
- A FAMÍLIA DOS ÁTRIDAS 82
 - O MUNDO DE IFIGÊNIA 84
 - MITO E REALIDADE 85
 - ORIGEM E VARIANTES 88
 - RELEITURAS 94
 - ATUALIDADE DO MITO 105

- GLOSSÁRIO 109
- SOBRE A AUTORA 111

Nota: as palavras assinaladas com asterisco (*) ao longo do texto remetem ao glossário da página 109.

ENQUANTO O VENTO NÃO SOPRA

Casar-se ou morrer virgem? Entregar-se a um marido ou à fúria divina? Atender ao interesse público ou ao amor de pai? A história que você vai ler se desenrola a partir dessas oposições. Entre elas caminha a jovem Ifigênia – filha mais velha de Agamêmnon e Clitemnestra –, princesa em Micenas.

Recebendo de longe as notícias da guerra em que se meteu seu pai – movido pela obrigação de defender a honra do irmão, Menelau (cuja esposa raptaram), ou simplesmente pelo desejo de se apossar das riquezas de Troia –, Ifigênia se vê, da noite para o dia, no centro da disputa entre gregos e troianos.

Seu pai a quer com urgência em Áulis, onde a frota grega parou por falta de vento. O motivo parece feliz, pretende casá-la com o belo Aquiles – valoroso guerreiro, filho da deusa Tétis. Mas os

planos de Agamêmnon para a filha são muito mais sombrios.

A armada grega não sairá de Áulis enquanto não se oferecer um sacrifício à Ártemis, deusa da caça, ofendida por Agamêmnon. Ifigênia é a vítima escolhida. Somente o sangue de uma donzela poderá apaziguar a irmã gêmea de Apolo, enfunando assim as velas dos navios.

Mas que pai entrega a própria filha à lâmina do sacerdote sem vacilo? Que mãe é capaz de se resignar diante de tamanha crueldade? Que filha renuncia rapidamente ao sonho de casar-se para morrer por amor à pátria? Que povo é esse que, amparado pela religião, justifica a violência contra uma inocente?

Perguntas que ecoam na praia de Áulis, enquanto o sangue não corre, enquanto o vento não sopra.

1. UMA CARTA URGENTE

O dia estava bonito. Minha irmã Electra e eu caminhávamos pela rua principal de Micenas*, conversando tranquilamente. Não tínhamos nenhuma pressa, até porque não podíamos ir longe: estávamos proibidas de ultrapassar as muralhas da cidade. E, no entanto, era o vilarejo que nos atraía. Ele se espalhava livremente ao pé de nossos muros, misterioso e apaixonante, com seus oleiros, ferreiros, fundidores, preparadores de unguentos, tintureiros...

Às vezes, subíamos a estrada utilizada pelos vigias para observar tudo do alto – era necessário que os soldados se mantivessem afastados, pois não se deve chegar perto das filhas do rei. Jamais. Nossa dama de companhia estava encarregada de garantir isso.

Nesse dia, Electra e eu não tivemos nem sequer tempo de chegar ao parapeito. Passávamos à altura da

cadeia de rochas que abriga as velhas tumbas de nossos ancestrais, quando o som de uma trompa nos deteve. Em cima do portal da honra, os soldados que montavam guarda nas torres de vigilância ficaram imediatamente em alerta. Esticaram os arcos e apontaram as flechas em direção à estrada, adiante da Porta dos Leões.

A trompa soou de novo e, subitamente, os guardas se detiveram.

– Abram! – gritou o chefe.

Ele ordenou a dois soldados que erguessem a pesada trava de madeira que fechava a porta. As dobradiças rangeram, o sol se refletiu violentamente sobre as placas de bronze que cobrem os batentes, e se ouviu um enorme barulho, amplificado pela altura das muralhas que defendem a passagem. Todas as atenções se voltaram para a entrada.

Um carro de guerra, puxado por uma parelha de cavalos que espumavam pela boca, surgiu repentinamente e entrou na cidade.

O homem que conduzia o veículo estava coberto de poeira. Seu capacete, ornado com pequenas esferas vermelhas, ostentava o penacho da armada de meu pai. Ele parou a dois passos de nós, saltou do carro e, sem olhar em volta, subiu correndo a ladeira que levava ao palácio.

Os cavalos suavam. Electra agarrou meu braço e falou assustada:

– Aconteceu alguma coisa.

Minha irmã era ansiosa por natureza, e, naquela situação, nem mesmo eu encontrei palavras para acalmá-la. Uma mensagem tão urgente do rei Agamêmnon não poderia ser coisa boa. Teríamos perdido a guerra? Estaria meu pai gravemente ferido?

A vida parecia ter parado na cidade. Todos os artesãos que moravam dentro dos limites das muralhas – costureiros, joalheiros, marceneiros, armeiros – dependiam diretamente do palácio, e sua sobrevivência era garantida exclusivamente por nossas encomendas. Se a guerra fosse perdida, se não houvesse mais ouro, eles seriam os primeiros prejudicados.

Tomadas pelo nervosismo e pela curiosidade, olhá-vamos na direção do palácio, sem que ousássemos nos aproximar. Electra esperou que os cavaleiros se afastassem com os animais antes de murmurar:

– E se o inimigo estiver às portas de Micenas?

Eu não tinha pensado naquela possibilidade. Com Agamêmnon e seus guerreiros afastados, a cidade corria grande perigo.

Mas respondi, procurando transmitir segurança:

– Podemos aguentar um possível cerco. Com as novas cisternas, não vai faltar água.

Apontei para a entrada do subterrâneo que, no extremo da cidade, descia até as entranhas da terra, onde se encontram as fontes de água.

– E quanto aos mantimentos – acrescentei –, estamos abastecidos.

Eu bancava a corajosa, mas, na verdade, não sabia da situação de nossas reservas. Não passávamos de meninas, e nada nos era dito.

Electra observou desconfiada o subterrâneo, cuja escadaria escura e escorregadia sempre nos impressionara. Chamei a atenção ainda para o fato de nossas muralhas terem sido construídas pelos Ciclopes*, o que as tornava indestrutíveis. E em segredo pedia a todos os deuses do Olimpo que isso fosse verdade.

Nossa dama de companhia nos interrompeu subitamente:

– Por favor, me esperem aqui, altezas. Vou me informar sobre o que está acontecendo.

Ela nos mostrou um vulto que, do alto da escadaria do palácio, fazia grandes gestos em nossa direção. Percebi que era a ama do nosso irmãozinho, Orestes.

Nossa dama de companhia logo retornou esbaforida e um pouco nervosa.

– Princesa Ifigênia, a senhora sua mãe, Clitemnestra, a chama com urgência.

– Eu? Apenas a mim?

– Sim, somente a sua alteza. Ela recebeu algumas notícias e quer vê-la. É tudo o que sei.

Electra e eu nos encaramos espantadas.

2. UMA NOVIDADE ESPANTOSA

A distinção de ter sido chamada para uma conversa particular encheu-me de orgulho e ansiedade. Dirigi-me até a escadaria do palácio tentando manter a maior sobriedade possível. Mas foi com o coração na boca que passei pelas colunas do prédio e cheguei ao átrio.

Para meu alívio, minha mãe não estava ali. Temia, acima de tudo, encontrá-la prestes a oferecer um sacrifício aos deuses em troca de clemência.

Não havia ninguém em frente ao altar*, o que significava que não existia nenhum drama à vista, que meu pai não estava em perigo.

Cheguei às escadas que conduziam aos quartos, quando a ama me parou:

– Não, princesa Ifigênia, por aí, não. A rainha Clitemnestra a espera no mégaro*.